

A DÁDIVA COMO UMA TAREFA

Márcia Beatriz Garibaldi Voese¹

*Este es un nuevo dia
Para empezar de nuevo
Para buscar al angel
Que aparece en los sueños (Facundo Cabral)*

Arrisco-me a pôr no papel fragmentos de uma vida, a de Ingo Voese, que, em dado momento histórico, acaba entrelaçando-se com a minha... Nada fácil, por estes dias, materializá-los nessas poucas linhas...

A crença de que há novas oportunidades a cada amanhecer, que aguardam a **decisão** e a iniciativa de um sujeito atuante para acioná-las e movimentá-las, essa é a marca, assim poderia dizer, da trajetória de um educador/pesquisador sonhador como foi Ingo. Não sonhador no sentido da busca pelo impossível, mas na permanente e incansável luta contra uma acomodação a situações que oprimem e esmagam a capacidade criativa de consciências críticas que, libérrimas e solidárias, serão capazes de atuarem e alterarem toda e qualquer forma de aprisionamento construída socialmente.

Essa forma de posicionar-se diante da vida vai ao encontro do que afirma Freire (1991):

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e **decisão** (*grifo meu*) vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relativa preponderância, nem das sociedades nem das culturas. E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas. (p. 43)

Humanizar a realidade significa também utilizar-se - ou tornar-se *fazedor*, como afirma Freire - da própria história vivida, e fazer dela um momento de reflexão e auto-análise na busca por novos caminhos que levam para além do comodismo e conformismo, imposto pelo instituído, que, por vezes, nos imobiliza.



Ingo Voese com os irmãos: Iria e Hilário no interior de Santa Cruz do Sul.

Assim, com a permissão que a história e a vida nos concederam, compartilharemos um pequeno fragmento de uma carta escrita há, mais ou menos, dezenove anos, quando nos conhecemos, em que Ingo (1990) escrevia:

Caminhar junto é importante, viver é fazer caminhos, deixar rastros e direções (...) caminhar junto, com tanto amor e carinho que nos une, é um sonho que pouca gente vive. Não me pergunte se merecemos isso: isso não é um mérito, é antes uma tarefa, ou seja, de fazer deste amor o estímulo para um novo caminhar no sentido de ajudar outros a encontrá-lo. Por isso, penso, não é demais falar sobre a doação, a entrega, a sinceridade, a espontaneidade do gesto. Se queremos falar aos outros do amor-grande-doação, é preciso que o tenhamos, ao menos, querido praticar entre nós. Se o conseguirmos, depende do nosso empenho e nossa intenção.

Entendia Ingo que mesmo a relação amorosa que estávamos recebendo e vivenciando não era um **mérito**, mas especialmente uma **tarefa**. Não havia para ele dissociações estanques entre o fazer científico e a vida vivida, mas um fazer que ilumina a ciência e uma ciência que provoca o deslocamento e o avanço do ser, numa troca harmoniosa - utopia, desejo?

Utopia e desejo sempre encontrados, tanto na sua forma de dar aulas, quanto em suas ações no exercício de funções dentro das instituições ou ainda, e especialmente, em suas obras.

Ingo deixava seus alunos suspensos no ar com perguntas, questionamentos que não vinham acompanhados com respostas prontas, mas com elementos instigadores para avançar num por-vir. O sedento pelo saber, para ele, cada um deve colocar-se diante do posto como propõe Larrosa (1998):

E não perguntes quem és àquele que sabe a resposta, nem mesmo a essa parte de tí mesmo que sabe a resposta, porque a resposta poderia matar a intensidade da pergunta e o que se agita nessa intensidade. Sê tu mesmo a pergunta. (p.53)

Assim, Ingo colocou-se diante da vida: propondo-se interrogação e fazendo do instituído não o ponto de chegada, mas, sobretudo, um convite inicial para a superação na direção da maturidade do ser humano mais liberto, criando condições e possibilidades para o exercício e o desenvolvimento de uma subjetividade criativa.



Ingo Voese alternando doutorado na PUCRS com a vida em Santa Catarina.

No momento em que ele próprio faz-se rastros e direções, parece ter levado até o final, como num ato de fé, o lema de sua turma, ano de 1958, quando então se formou professor na Escola Evangélica de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul: “Nosso trabalho um sacerdócio, nossos passos um exemplo”.

Sacerdócio vivenciado intensamente: tinha a capacidade de doar-se incondicionalmente como professor/pesquisador, ativar e arrancar o melhor do aluno, ou orientando nos trabalhos que lhes propunha, nem que para isso fosse exigido, de nós seus alunos, dores e lágrimas. Mas sabíamos ao final que, no trabalho por nós desenvolvido, o melhor de nós havia emergido. Nesses momentos de crises, em que nos

encontrávamos em becos teóricos, por vezes escuros, não nos faltava nunca sua mão ao alcance da nossa, era incapaz de abandonar-nos a nossa própria sorte, se assim não o desejássemos. Colocava em xeque a crença em nossas próprias capacidades, desafiava nossos limites e, se agüentássemos a passagem, sabíamos ter nos superado.

Transferia para os seus alunos, que com ele compartilhavam do mesmo ideal, quase que por osmose, a sua própria forma de conduzir-se na relação entre teoria e prática: “não se contenta com a descoberta, se ela não lhe permitir um investimento na mudança da realidade”, como afirmou Possenti (1998) na contra-capa do livro, “O movimento dos sem-terra na imprensa”. Não deveríamos contentar-nos também em apresentar trabalhos que cumprissem apenas com as formalidades acadêmicas, eles deveriam ter motivações para a vida. E isso fazia suas orientações tornarem-se apaixonantes tanto para o aluno, quanto para o orientador, superando até mesmo a relação formal que aí reside, criando-se laços de cumplicidade e afetividade entre professor e aluno.

Se trabalhos que investiam em mudanças foram sua bússola orientadora, na prática pedagógica, essas mudanças sempre exigiram dele atos de coragem. Mudar é deslocar conceitos, é propor riscos para um por-vir incerto, é ser ousado. “O homem se faz ao se desfazer: e não há mais do que risco, o desconhecido que volta a começar” (LARROSA, 1998, p. 53). E arriscar-se e ousar foram verbos conjugados e vivenciados plenamente por Ingo.

Verbos esses conjugados ao extremo e que foram fundamentais para deixar o conforto da estabilidade em muitos momentos de sua vida acadêmica. Um deles foi, na então Fidene em Ijuí-RS (hoje Unijuí), onde chegara ao limite do estruturalismo com Bourdieu, em que o estudo e as discussões sobre o sujeito assujeitado não tinham mais saída, a não ser reproduzir o *status quo* e lançou-se a um novo projeto. Ingo largaria tudo e todos, na metade dos anos 70, anos duros de ditadura, buscando um espaço de atuação em Santa Cruz do Sul-RS, sua terra natal, arriscando-se num caminhar diferente, numa tentativa de afastamento das teorias de assujeitamento e de reprodução social mecânica, pois, no seu íntimo, acreditava haver um espaço mínimo para o exercício de um sujeito capaz de intervir.

Na tentativa de garimpar esse espaço de atuação em que o sujeito pudesse agir sobre o instituído, chega, no exercício de uma prática agora mais atuante, à direção

geral das Faculdades Integradas de Santa Cruz (FISC) e dá início, na sua gestão, início dos anos 80, a todo um processo de redemocratização dos cargos diretivos e da instituição em geral, num momento em que o país recém-deixava para trás os chamados “anos de chumbo”. A FISC torna-se, então, a primeira instituição de ensino privado no sul do país a ter eleições diretas. Nesse mesmo período, junto com outros companheiros, funda a escola Educar-se, que tem como pilares pedagógicos as propostas de um educador ímpar: Paulo Freire.

Tendo chegado ao fim do objetivo a que se propôs: o de evidenciar que o espaço mínimo para o exercício da subjetividade era uma possibilidade, deixa Santa Cruz e dá continuidade aos seus estudos de doutorado. Agora, acreditando, mais do que nunca e fundamentado também em sua vivência na direção-geral da FISC, que prática e teoria não são fecundas se não estiverem caminhando em parceria num movimento dialético ininterrupto.

Começa, a partir daí, um ousar mais acadêmico no sentido de questionar o porquê de as pesquisas desenvolvidas na academia encontrarem-se encasteladas e não chegarem aos interessados que, muitas vezes, são os próprios objetos das mesmas, bem como procura aprofundar seus estudos nas questões relacionadas com o discurso, subjetividade, história e ideologia.

Interessa-me, por isso, questionar essa distância que se verifica entre o que se produz na academia e sua aplicação no ensino de Língua Portuguesa, retornando a questões que, há muito, são discutidas, mas não chegam à sala de aula. (VOESE, 2005, p. 14)

Nesse momento, de certa forma, utiliza-se, nas suas obras, da palavra escrita para alcançar um outro que o aguarda, conforme Bakhtin (1986):

Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. (p. 113)

Elege, especialmente, como interlocutor o professor/educador que se encontra

nas escolas, muitas vezes entregue a velhas fórmulas de ensino e abandonado pela academia e busca, segundo Geraldi, ao prefaciar a obra de Ingo acima citada, associar-se “[...] àqueles que têm tentado atravessar os muros da academia e da pesquisa – muitas vezes herméticos – para reencontrar nossos companheiros para quem a pesquisa existe e faz sentido: os seres humanos e sua história de humanização.”

Ingo Voese repassando para os filhos seu amor pelo cultivo da terra.



O trabalho de Ingo, enquanto professor, sua obra e sua vida nunca deixaram de ser um sacerdócio pleno, enriquecido pelos seus muitos passos e exemplos. Esses, talvez, sejam os rastros e direções mais preciosos deixados por ele, não apenas para nós que convivemos tão próximos, mas especialmente para todos aqueles que sonham com um mundo onde é possível a convivência entre as diferenças e a diversidade, sem o submissão de ninguém, em que o “excedente de visão do outro” acrescente uma nova luz ao nosso próprio olhar, um mundo onde a ciência e a pesquisa não estejam dissociadas da vida, onde o homem, especialmente na área das Ciências Humanas, não seja apenas um mero objeto de estudo.

Enfim, Ingo deixa-nos, na simplicidade de suas interrogações, a inquietude e a capacidade de acreditar que podemos, sim, mesmo que num espaço mínimo, escapar do assujeitamento que nos acomoda e nos imobiliza, na tentativa de inviabilizar os nossos sonhos e utopias de um amanhecer humano mais justo e fraterno. Essa inquietude com

todos os seus questionamentos, visíveis em suas obras e na sua vida acadêmica, apresenta-se como uma síntese de um trabalho de doação integral vivido por Ingo. Ouso dizer, talvez, que o que ele nos deixa são pequenos rastros de esperança que sinalizam “para um novo dia, para um começar de novo, incansável, ininterrupto”.

NOTA

¹ Mestre em Lingüística pela Universidade Federal de Alagoas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

VOESE, Ingo. *O movimento dos Sem-Terras na imprensa: um exercício de análise do discurso*. Ijuí: Unijuí, 1996.

VOESE, Ingo. *Análise do discurso e o ensino de língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2004.